
PAISAGEM E MEMÓRIA: A RAPOSA E A MACEIÓ DA INFÂNCIA DE LÊDO IVO

LANDSCAPE AND MEMORY: THE FOX AND THE MACEIÓ OF LÊDO IVO'S CHILDHOOD

PAISAJE Y MEMORIA: EL ZORRO Y LA MACEIÓ DE LA INFANCIA DE LÊDO IVO

Robson dos Santos Almeida¹

RESUMO: *Ninho de cobras*, do escritor Lêdo Ivo (1973), conta histórias do cotidiano de Maceió, com personagens que fazem uso do espaço e ajudam a descrever a paisagem e o meio social dos bairros Centro e Jaraguá. Este trabalho tem como objetivo geral analisar a vivência polissensorial da personagem raposa, protagonista do primeiro capítulo do romance estudado, na capital alagoana. A metodologia que partiu da investigação, fichamento e teorização geográfica dos trechos de maior interesse para a análise paisagística da cidade, resultou em discussões sobre a experiência urbana da personagem e seu envolvimento íntimo e sensorial com a paisagem, tornando-se parte dela e, por fim, vivenciando uma experiência trágica do lugar.

Palavras-chave: Paisagem. Geoliteratura. Maceió.

ABSTRACT: *Ninho de cobras*, by writer Lêdo Ivo (1973), tells stories of Maceió's daily life, with characters who make use of the space and help to describe the landscape and social environment of the Centro and Jaraguá neighborhoods. This work has as general objective to analyze the polysensory experience of the fox character, protagonist of the first chapter of the studied novel, in the capital of Alagoas. The methodology that started from the investigation, recording and geographic theorization of the stretches of greatest interest for the city's landscape analysis resulted in discussions about the character's urban experience and his intimate and sensory involvement with the landscape, becoming part of it and, by end, experiencing a tragic experience of the place.

Keywords: Landscape. Geoliterature. Maceió.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Alagoas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2796-7329>. E-mail: robson.almeida@igdem.ufal.br

Artigo recebido em agosto de 2022 e aceito para publicação em outubro de 2022.

RESUMEN: *Ninho de cobras*, del escritor Lêdo Ivo (1973), cuenta historias de la vida cotidiana en Maceió, con personajes que hacen uso del espacio y ayudan a describir el paisaje y el entorno social de los barrios Centro y Jaraguá. Este trabajo tiene como objetivo general analizar la experiencia polisensorial del personaje zorro, protagonista del primer capítulo de la novela estudiada, en la capital alagoana. La metodología que partió de la investigación, registro y teorización geográfica de las partes más interesantes para el análisis paisajístico de la ciudad, resultó en discusiones sobre la experiencia urbana del personaje y su involucramiento íntimo y sensorial con el paisaje, haciéndose parte de él y, al final, viviendo una trágica experiencia del lugar.

Palabras clave: Paisaje. Geoliteratura. Maceió.

INTRODUÇÃO

Ninho de cobras é o quarto romance da carreira de Lêdo Ivo. Esse trabalho é considerado uma das principais obras-primas da literatura nacional e uma contribuição significativa à ficção de terror e violência na América Latina. Vencedor do V Prêmio Walmap, foi publicado pela primeira vez em 1973, em plena ditadura militar brasileira, no entanto, a narrativa de *Ninho de cobras* se passa na primeira metade da década de 1940, durante o Estado Novo (1937 – 1946) de Getúlio Vargas, um outro período da história do Brasil marcado pelo autoritarismo.

O romance de Lêdo Ivo conta, de forma fragmentada, histórias do cotidiano de Maceió, com personagens que fazem uso do espaço e ajudam a descrever a paisagem e o meio social dos bairros Centro e Jaraguá. Dentre esses personagens, uma raposa se destaca: uma figura improvável em uma narrativa tão urbana, mas que, graças à escuridão da madrugada que lhe permitiu passar quase despercebida, como se fosse um “pulguento cão sem dono” em plena rua do Comércio, atinge uma experiência paisagística na noctâmbula cidade.



Fonte: Arquivo Público de Alagoas (2022).

Figura 1. Centro urbano de Maceió na primeira metade do século XX.

Sendo assim, este trabalho se debruça em um primeiro instante na análise simbólica do animal raposa, em suas características tão próximas da psicologia humana, nas aparições do bicho na literatura ocidental e no porquê da escolha de Lêdo Ivo por esse animal entre tantos outros. Em uma segunda seção, é exposto um olhar sobre a importância de uma análise da paisagem levando em consideração a experiência advinda dos cinco sentidos, demonstrando que o estar na paisagem deve ser uma experiência geográfica completa, com o corpo inteiro disposto a ser tocado pela sensibilidade do contato com a uma espacialidade afetiva. Tal perspectiva vem da leitura do filósofo Jean-Marc Besse (2014), que define a paisagem como “o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, ‘selvagem’, numa primitividade que precede toda instituição e toda significação” (BESSE, 2014, p. 80).

Por último, é realizada uma apreciação geográfica do primeiro capítulo do romance *Ninho de cobras*, o icônico capítulo da raposa, tomando como categoria de análise espacial a paisagem que se descortina de forma polissensorial a um animal que vivencia pela primeira vez a experiência urbana da cidade.

A RAPOSA DE LÊDO IVO

O quarto romance da carreira de Lêdo Ivo traz, explicitamente, uma referência a víboras no seu próprio título. No entanto, a presença animal não se limita à capa do livro, já que, e muito mais numerosos que os ofídios, a narrativa no geral é infestada de ratos,

urubus, morcegos, gaíamuns e tanajuras. Logo, surge um pertinente questionamento: por que, então, uma raposa, dentre tantos bichos, foi a escolhida para abrir o romance, lhe sendo dedicado um papel de destaque, o de protagonista do primeiro capítulo de *Ninho de cobras*?

Segundo o *Dicionário do latim essencial*, de Antônio Martinez de Rezende e Sandra Braga Bianchet (2014), “raposa” na antiga língua dos romanos é *uulpes* ou *uulpis*, e é sinônimo de manha, astúcia e dissimulação. Habilidades que entre os humanos nem sempre são vistas com bons olhos, mas são reconhecidas e aceitas como parte integrante do conjunto de qualidades e defeitos dos seres vivos.

A antropóloga Germaine Dieterlen *apud* Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2015, pp. 769-770) é mais cortês para com o animal estudado. Examinando a cultura africana acerca da raposa, a pesquisadora francesa vai além e diz que este é um bicho “independente, mas satisfeito com a existência; ativo, inventivo, mas ao mesmo tempo destruidor; audacioso, mas medroso; inquieto, astucioso, porém desenvolto, ele encarna as contradições inerentes à natureza humana”. Os dois autores que citam Dieterlen enxergam tais contrassensos como um espelho que reflete as antíteses típicas do homem e, desta forma, a raposa é vista como “um duplo da consciência humana”.

A partir disso, seria possível para a raposa expressar sua consciência através da linguagem? De acordo com Keith Thomas (1988, p. 153), em pleno século XVII havia “inúmeras pessoas educadas prontas a creditar aos animais uma forma de linguagem, declarando que pássaros e bichos, por meio de movimento, som e gesto podiam comunicar seus pensamentos tão bem como os homens”. Tais discussões até o momento não foram comprovadas, porém, na literatura, creditar linguagem puramente humana a animais como a raposa, não só é possível como também pode-se afirmar não ser algo novo.

Este olhar humanal para o animal raposa explica a sua recorrente passagem pela literatura. Para ilustrar essa constatação, tomemos por exemplo a literatura ocidental: se nos atentarmos a estes aspectos tão humanos no animal raposa, veremos que é algo que já vem sendo trabalhado na sexta arte há séculos. O antropomorfismo, que é a atribuição de qualidades humanas a seres vivos ou a elementos naturais, permitiu que animais da ficção pudessem expressar seus sentimentos e opiniões através da linguagem oral e do comportamento tipicamente racionais. Dois exemplos populares são as raposas das fábulas de Esopo e o doce amigo do *Pequeno príncipe*, romance de Antoine de Saint-Exupéry.

As fábulas de Esopo são algumas narrativas que chegaram até os dias atuais herdadas da antiguidade grega. Essas histórias, que André Malta (2017, p. 9) define como “um breve relato ilustrativo, uma pequena cena dramática a partir da qual se podia tirar alguma lição ou reflexão”, são, em sua maioria protagonizadas por “animais que se expressam como seres humanos”. Dentre vários animais, a esperta raposa tem seu um lugar de destaque, sendo, junto com leão – que representa o poder – os animais que mais aparecem na coleção de fábulas, e nesta briga entre poder e esperteza, a raposa é sempre vencedora.

Se nas fábulas de Esopo o leão está sempre tentando devorar a esperta raposa, no contexto da literatura oral brasileira, um espaço em que, de acordo com Luís da Câmara Cascudo (2012, p. 332), a raposa é “cidadíssima (muito mais nos sertões e interior do Brasil

que no litoral) e invencida”; e é sempre contra a onça que este bicho tem que bolar estratégias para não cair nas garras do maior felino das Américas. É o caso do que acontece no conto *A raposa e a onça*, narrativa cuja raposa ajuda a onça a sair de um buraco e, logo após esse ato de boa vontade, recebe como proposta de “agradecimento” do felino ser devorada por ele. Com a ajuda de um homem justo a raposa consegue escapar dessa cilada, provando que “o bem se paga com o bem” (CASCUDO, 2012, p. 378) e não o contrário.

Já a raposa criada por Saint-Exupéry, aquela que segundo o personagem principal do romance *O pequeno príncipe* (2015, p. 76), “não passava de uma raposa igual a cem mil outras” e que, depois de selado um laço de amizade, se tornou única no mundo, é um dos animais mais famosos da história da literatura. Nesta narrativa, a raposa ensina ao narrador a importância do ato de cativar, um exercício que para ela “significa criar laços” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 72). Uma mensagem capaz de aproximar homens de raposas (inimigos históricos), deixando de lado as aparências e aceitando que o “essencial é invisível para os olhos” (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p. 76). Para a doce raposa *saintexuperiana* o segredo é simples: enxergar com o coração.

No entanto, a raposa do romance de Lêdo Ivo é apresentada de forma diferente dos seus familiares famosos, isso por conta de dois detalhes: o primeiro é que não existe o uso do antropomorfismo. Aqui a raposa não tem a habilidade da fala típica das fábulas, nem tão pouco tem um comportamento igual ao do ser humano. Além disso, um segundo detalhe é o tipo de narrador do *Ninho de cobras*: um narrador impessoal e onisciente. Este narrador acompanha a raposa pelas ruas de Maceió como se fosse um ser invisível que observa todas as direções, atitudes, lembranças, escolhas e expressões do animal.

A escolha do animal não foi por mero acaso, a raposa – que para Lêdo Ivo (2018, p. 204), é um “símbolo da noite, do sonho e da liberdade” -, fazia parte do seu inconsciente por conta de uma memória da infância que ficou registrada em sua mente, como uma sequência de imagens significativas ao ponto de marcar seu olhar para o mundo como sujeito-escritor. Em seu ensaio *A propósito de uma raposa* (2018), o escritor documenta o instante onde a raposa passa a ser parte do seu imaginário:

Em minha infância, fui, certa manhã, contundido por um episódio que haveria de ficar guardado em mim a vida inteira. No sítio em que morava, uma raposa acusada de assaltar periodicamente o nosso galinheiro foi morta a pauladas. Menino, aprendi a soletrar, naquele momento, a cartilha da injustiça e da perseguição. O inconsciente reteve a imagem insólita para devolvê-la mais tarde a uma página em branco, em forma de vivência amealhada, sem a qual inexistia a figura do artista literário (IVO, 2018, p. 203).

A raposa também não é uma exclusividade do quarto romance do escritor alagoano. Com uma vasta produção poética, o animal aparece também em alguns dos melhores poemas de Lêdo Ivo (2012), e sempre inserida em um contexto de noite e morte. Em “O montepio” se destacam os versos:

[...] O pai dá ao filho
o ninho vazio
achado no bosque
e a raposa morta
por sua espingarda [...] (IVO, 2012, p. 28).

Porém, é no poema “Minha Terra” publicado originalmente no livro *Finisterra*, de 1972, que a relação com a raposa de *Ninho de cobras* é mais fulgente, neste o elegíaco fenecimento do animal é exposto com todo o ardor que a poesia possibilita, quando o eu lírico expressa sua emoção ao contemplar o momento em que:

[...] A manhã raiante se manchava
do sangue escuro da raposa
morta no chão memorável [...] (IVO, 2012, p. 70).

A trágica personagem de *Ninho de cobras* representa o papel do “estranho na paisagem” do centro da cidade de Maceió, aquele que termina por ser mais uma vítima da violência social. Mas antes desse desfecho lamentável, e mesmo que o leitor não tenha acesso diretamente às *palavras* da raposa, por se tratar de um animal que, segundo Tuan (2005, p. 8), tem um “poder extraordinário de seus sentidos”, a personagem canídea apresentará uma paisagem através dos cinco sentidos, especialmente olfato, visão, audição.

A PAISAGEM E OS CINCO SENTIDOS

Estar na paisagem é imprescindivelmente nos colocar em uma relação emocional com o espaço geográfico, este que nos acolhe ou tenta nos expulsar de um encontro diário que tem que acontecer. Em um planeta rico em água, ar, luz e terra, o corpo humano é incapaz de escapar das percepções advindas do encontro entre sua exterioridade com a sensibilidade imposta através dos sentidos (BESSE, 2014).

No micromundo que pode ser um romance literário, como o *Ninho de cobras*, o narrador apresenta ao leitor a possibilidade de conectar-se com os cinco sentidos das personagens, vivenciando junto com esses toda uma gama de possibilidades táteis, visuais, olfativas, gustativas e auditivas.

A raposa e o narrador deste romance são *flâneurs*, ambos possuem um gosto pela paisagem que se descortina a cada passo, e com um senso de curiosidade apurada, seguem construindo e ao mesmo tempo se fazendo parte dessa construção que é a experiência paisagística daquele que anda e vivencia os cantos da cidade. Pois, de acordo com Besse (2014, p. 54), “caminhar não é apenas estar no mundo, é estar nele de forma interrogativa”.

Gomes (2008, p. 122), segue na mesma direção e reitera que o narrador-*flâneur* é aquele “que deambula e reflete, cheio de curiosidade, lê a cidade como um discurso, vendo-a enquanto inscrição do homem no espaço e no tempo”. Dessa forma, qual

o discurso lido pelo narrador que observa, intromete-se e por vezes até recria em sua imaginação os sentimentos coletados atentamente nas expressões da raposa andarilha?

Antes de tudo, é importante destacar que a experiência urbana de quaisquer que seja o ser, humano ou não, que vivência a paisagem andando a pé, é distinta daquela experimentada de cima, como os pássaros, pois a cidade vivida no chão traz uma perspectiva diferenciada de ponto mirado. O ser que se encontra no mesmo plano daquilo que sente, através da visão, dos cheiros, dos sons, dos gostos e dos toques, experimenta um exame completo da paisagem. Assim, a paisagem, como afirma Besse (2014, p. 247) “não está longe de nós”, pelo contrário, ela “corresponde ao nosso envolvimento no mundo”, em contato direto e nos envolvendo.

Por isso, essa experiência, que é geográfica por excelência, deve ser vivenciada através da mediação dos cinco sentidos – não apenas através da visão como já se foi tanto pregado - pois só assim a compreensão do espaço que se apresenta para ser vivido pode ser considerada em sua plenitude experiencial, visto que os sentidos estão ligados à intuição e à razão, que através destes elementos possibilitam as operações mentais da percepção, sensação e entendimento (MARANDOLA JR, 2012).

Nessa perspectiva, é importante vivenciar a paisagem de novos ângulos, experimentando-a com outros enfoques que possibilitam uma sondagem mais rica do espaço analisado. É imperioso entender ainda, que a paisagem também possui um interior, que não é visível, mas pode ser sentido, possibilitando que se tenha uma relação de profundidade com ela. Tal fato se dá porque as paisagens estão ligadas às nossas emoções e à forma como apreciamos a vida, ou seja, nossas identidades. Se entregar a paisagem é, portanto, uma experiência genuinamente ontológica, existencial e material.

Para Besse (2014, p. 246), “a paisagem está profundamente envolvida no valor de nossa vida, em nossa maneira de estar no mundo e de habitá-lo”. A partir disso, o autor defende a necessidade de exercitar a simpatia pelas paisagens, permitindo que as mesmas nos toque e nos faça parte dela, não um sujeito que mira de fora, como se pertencesse a outro espaço. É sentindo todas as sensações que as paisagens nos proporcionam - seja através do que vemos, ouvimos, comemos, tocamos, cheiramos ou melhor, quando o gosto da paisagem é apreciado com uma explosão dos cinco sentidos - que nos conectamos profundamente ao nosso entorno.

UMA RAPOSA NA PAISAGEM POLISSENSORIAL DA MADRUGADA MACEIONSE

Segundo o próprio autor do romance estudado (2018, pp. 204-205), “Os olhos da raposa que percorre de madrugada uma cidade adormecida – a Maceió de minha infância – eram equiparados a uma câmera cinematográfica que me permitia filmar a desolação da noite”. Tal registro possibilitaria colocar esse capítulo do romance *Ninho de cobras* como um importante registro audiovisual da cidade de Maceió, porém, a experiência de leitura comprova que o conteúdo das páginas da narrativa presenteia o leitor com um experimento que vai além da visão e da audição, passando por trechos altamente táteis, olfativos e gustativos.

De acordo com Lacerda (2015, p. 101), “A raposa, que vive na floresta mas ronda as casas dos homens, inteligente e ao mesmo tempo indomável, é criatura de intermediação, mensageira entre magia e razão, natureza e cidade”. Sendo assim, pode-se honrar a raposa do romance de Lêdo Ivo como um ser sábio e porta-voz da rica paisagem interiorana do estado de Alagoas, pois é desse ambiente que ela vem ao encontro da cidade de Maceió que, com seus encantos e mazelas, será sua pelo tempo mágico de uma madrugada na década de 1940.

O motivo que levou a raposa das matas até a *celula mater* de Maceió fica a cargo do reino da imaginação dos leitores do romance, pois o escritor não escreveu uma explicação para a presença do animal no centro da capital alagoana. Consoante Santos (2006, p. 53), não seria possível esperar de um animal uma justificativa de sua ação, já que “só o homem tem ação, porque só ele tem objetivo, finalidade”.

Contudo, é louvável a imagem lírica que Rolnik (1995, p. 12) apresenta da cidade como “um ímã, um campo magnético que atrai, reúne e concentra”. Dessa maneira, é poeticamente aceitável até mesmo para uma raposa-personagem, que a cidade atraia, com sua promessa do novo, arrastando os seres de outros lugares para se reunirem em seu coração pulsante: seu centro urbano.

Ainda segundo Rolnik (1995, pp. 7-8), “O viajante de muitos tempos e lugares reconhece em seu caminho os vestígios da proximidade com a cidade”. Sendo assim, a raposa, que já conhecia a natureza do relevo, da hidrografia e da flora do interior de Alagoas, é levada pela curiosidade e por um pressentimento de aproximação de uma natureza diferente de tudo que já havia conhecido. Em seu caminho até o centro da cidade, o animal vai se deparando com uma “natureza” fabricada e intrigante, com suas formas geométricas e repetitivas, suas luzes e cores tão distintas daquelas encontradas na mata fechada.

É logo no segundo parágrafo de *Ninho de cobras* (IVO, 2018, p. 11), que o leitor é informado de que a ilustre raposa que está adentrando o centro da capital alagoana “Viera das matas que, mesmo à noite, guardavam nos ramos secos o calor do verão e, depois de atravessar arbustos aleijados, se afastara dos troncos e galhos que, às vezes, crepitavam surdamente no escuro”.

Diante desse dado de seu local de origem e levando-se em consideração a distribuição geográfica dos mamíferos da família *canidae* no Nordeste brasileiro, chega-se à conclusão de que a raposa-personagem é cientificamente chamada de *Cerdocyon thous*, uma espécie de médio porte e com coloração grisalha, que, como os demais da sua espécie, possui visão noturna, olfato e audição apurados (sentidos importantes para a experiência da cidade em *Ninho de cobras*). No estado de Alagoas, esses animais podem ser conhecidos popularmente como “cachorro-do-mato” ou “raposinha” e ocorrer em todos os habitats, do sertão ao litoral. Além disso, a *Cerdocyon thous* é um animal amoldável às áreas antropizadas, chegando até mesmo a ser vista em espaços verdes nas cidades, porém, ainda é um animal intolerante à urbanização (FEIJÓ; LANGGUTH, 2013).

A frase que abre o romance de Lêdo Ivo (2018, p. 11) é: “Na madrugada, uma raposa havia descido até o centro da cidade”. Que ela viera das matas é uma informação logo apresentada, mas por qual caminho ela chega ao centro de Maceió? O narrador, que

nada deixa escapar, entrega ao leitor o trajeto da raposa e ainda informações a respeito de dois bairros percorrido antes da chegada da raposa ao centro urbano da cidade, o Tabuleiro dos Martins e o Farol:

Perto do tabuleiro onde os norte-americanos tinham, no início da guerra, construído o aeroporto, ela estacou, e seus olhos refratários aos sonhos e à desolação se fixaram, por um instante, nas luzes vermelhas do campo de pouso. Após um momento de espreita, escolheu a estrada mais larga e veio descendo contra a cidade. Esgueirou-se junto à cerca de um sítio, quando um velho caminhão arquejante, que deixava escapar óleo, clareou a estrada poeirenta, de barro batido, e logo continuou o seu caminho, atravessando avenidas de bangalôs engolfados em jardins sombrios e ruas desertas. Só as luzes dos postes brilhavam (IVO, 2018, p. 11).

A raposa adentra o município de Maceió pelo Tabuleiro dos Martins, um arrabalde que nas primeiras décadas do século XX ainda não tinha passado pelo processo de urbanização, sendo formado principalmente por chácaras e sítios distribuídos em grandes lotes. Dessa forma, o animal perambula por caminhos alternativos até que se depara com as luzes da base de balões dirigíveis construída pelos americanos (lembrando que a narrativa deste romance se passa durante os anos da Segunda Guerra Mundial) para patrulhamento da costa alagoana. Após essa parada sinalizada pelo sentido da visão, a raposa segue seu trajeto e desta vez em linha reta pela Estrada do Jacutinga, que tinha uma largura de 8 metros e se estendia por 10 quilômetros, cortando parte do Tabuleiro e todo o bairro do Farol (TICIANELI, 2017).

O bairro do Farol, como o narrador destaca, tinha uma paisagem marcada pela arquitetura dos “bangalôs engolfados em jardins sombrios” (IVO, 2018, p. 11). Segundo Diegues Junior (2001, p. 158), este bairro era o “reduto do granfinismo da cidade”, sendo seus bangalôs “tão a gosto das gentes elegantes e modernas”. O mesmo autor afirma que é “aí é que se vem concentrando a moradia aristocrática da cidade”, o que mostra que a cidade de Maceió seguiu a mesma tendência das demais cidades capitalistas ocidentais, cuja elite, que anteriormente vivia no centro, passa a viver em áreas periféricas, o desvalorizando.

Levando-se em consideração que no período dessa narrativa o Tabuleiro dos Martins e o Farol ainda estavam aquém da urbanização, pode-se então dizer que a experiência sensorial urbana só acontece com a chegada da raposa ao centro de Maceió. É através do tato que se inicia esta vivência, e como escreveu Tuan (2015, p. 26), “nosso sentido tátil é muito delicado, mas para diferenciar a textura ou dureza das superfícies não é suficiente colocar um dedo sobre elas; o dedo tem que se movimentar sobre elas”. É exatamente isso que a raposa faz: sente enquanto caminha. O narrador (IVO, 2018, p. 11) relata que “A raposa atingiu a primeira rua de paralelepípedos, cruzou obliquamente uma linha de bonde, desceu a Ladeira dos Martírios, e começou a vaguear pelas ruas estreitas do centro da cidade. Na escuridão, parecia um cachorro vadio”. Para um animal que vem do interior,

das florestas e roçados com caminhos de barro, material este ainda presente na Estrada do Jacutinga, tocar no paralelepípedo, no chão uniforme de pedra foi um aviso sentido na pele delicada das patas e enviado ao cérebro da raposa de que ela estava adentrando um lugar diferente de todos que já havia cruzado.

Ciente de que o olfato dos canídeos, grupo de mamíferos do qual a raposa faz parte, é mais apurado do que o do homem, não é difícil de imaginar que logo que adentra as ruas do centro de Maceió, a raposa se depara com os mais específicos cheiros que à distância poderiam passar despercebidos pelo homem na paisagem. Pelo horário da chegada do animal:

As casas dormiam, e pareciam ainda mais acachapadas, mesmo as que possuíam mais de um pavimento. Os homens e mulheres dormiam. Cheirando a suor, a esperma, ao açúcar que há séculos escorria da paisagem, a uma secreção qualquer, eles dormiam na noite vidrada, e sonhavam e se agitavam, enquanto morcegos balançavam como lâmpadas nos caibros dos telhados e mosquitos zuniam, e ratos e baratas se movimentavam desembaraçadamente na escuridão” (IVO, 2018, p. 12).

Flanando em meio as ruas “sem aragem” da paisagem urbana, a raposa detecta um odor que ainda não conhecia e por ele se sente atraída, partindo em sua direção (IVO, 2018, p. 12): “como se o esponjoso cheiro do mar a tivesse atraído”. O centro de Maceió é banhado ao sul pelo mar, e é em direção ao Oceano Atlântico que o animal caminha, e neste momento, o narrador partilha com seu leitor um instante de candura vivenciado pela protagonista: a chegada à Praia da Avenida. De acordo com o narrador (IVO, 2018, p. 12), a raposa “continuou descendo ruas até atingir a beira da água. Pela primeira vez suas patas conheceram a doçura da areia da praia”. Esse é um daqueles momento de júbilo tátil, quando se é experimentado o contato da pele com a areia da praia, um tipo de sensação prazerosa que fica marcado na mente, tornando-se um registro memorialista que, sempre que evocado, traz junto a imagem paisagística do mar, este que é símbolo da dinâmica da vida, e que é simultaneamente a representação da vida e a imagem da morte (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015).

Mas ainda é muito cedo para tratar da morte. A raposa que caminhou por quantos quilômetros até sentir em suas patas a delicadeza da orla maceioense, merece sentir o gosto desta paisagem que se apresenta à sua frente, a convidando para saboreá-la e o convite é aceito, pois ela:

Aproximou-se do oceano, deixou que um rastilho de onda lhe umedecesse as patas, sem enxergar a brancura azulada das nuvens, e sentiu nas unhas secas o estonteante refrigério da água viva. Curvando o focinho, estendeu para as águas a sua vibrante língua sedenta, mas logo a retirou, num movimento de vertigem e náusea (IVO, 2018, p. 12).

No trecho acima, percebe-se que o tato reina no primeiro instante. A sensação do toque da água, que leva o inocente animal a perceber sua sede, e o paladar que até aquele momento só conhecia a água do tipo doce dos rios por onde passou, sente o desconfortável sabor do líquido salgado do oceano e registra que esta é uma paisagem para tocar, ouvir, visualizar e cheirar, mas nunca beber.

Após essa experiência, a raposa segue caminhando pela praia e cada vez mais se afasta do Centro e adentra no território vizinho, o Jaraguá. Bairro portuário da capital alagoana, apresenta ainda erguida uma arquitetura herdada do século XIX, rica em grandes armazéns e sobrados, que a raposa registra mais uma nova paisagem olfativa em sua passagem por Maceió:

Seguiu pela praia até os trapiches negros que, cheirando a açúcar mesmo à noite – quando todos os armazéns estavam fechados e não havia nenhum trabalho de estiva”. (...) A raposa deteve-se junto a uma barcaça, possivelmente farejou o casco que, dias antes, tinha sido pintado de novo, e cheirava a alcatrão. Um caranguejo roçou nela a sua pata dianteira da esquerda (IVO, 2018, pp. 12-13).

Logo após esse ocorrido, a raposa se dirige ao símbolo arquitetônico mais notável do bairro do Jaraguá: a Associação Comercial, também chamado de Palácio do Comércio. É uma edificação majestosa de inspiração neoclássica assinada por Luiz Lucarini e inaugurada em 1928. Se Lêdo Ivo (2018, pp. 204-205) já disse que os olhos da raposa eram como uma “câmera cinematográfica”, este é um momento de encantamento visual nesse “filme”, pois a personagem “contemplava as colunas brancas do edifício que se projetava na negridão da noite, como uma sombra leitosa e virginal”. Nesse instante, a localização geográfica da raposa é exata: Rua da Alfândega (atual Sá e Albuquerque).

A partir desse ponto, a raposa não segue seu caminho em direção aos bairros praianos (que nunca irá conhecer), como Pajuçara e Ponta Verde, pois o narrador (IVO, 2018, p. 14) indica que “num movimento rápido, a raposa mudou de direção, e veio pela rua que cheirava a açúcar e cebola”: é o começo de sua volta ao Centro de Maceió. Mas antes, é preciso passar pelos trapiches do Jaraguá, na rua da Alfândega, e pelos prédios que armazenavam diversos produtos que saíam e chegavam através do porto localizado nesse bairro: “sacos de açúcar de bangüê e de cebola, fardos de algodão, aguardente, milho, coco, fibras têxteis”. Lêdo Ivo (2018), ciente do poder do cheiro, já que esse sentido é capaz de evocar uma paisagem, utiliza-o para escrever a experiência do animal em meio a uma “sinfonia” de odores:

Apesar da proximidade do mar tumescente que projetava nas ruas próximas o odor de evasão e maresia — a desnorteante mistura de viagem e de podridões que, situando-se num a linha indecisa e flutuante, tanto podia ser de lixo acumulado como o fedor de poliédricas e gosmentas dejeções marinhas — apesar dessa vizinhança de sal e navio, musgo e marisco, as ruas possuíam uma

pesada e mortíça qualificação terrestre. Era como se ali, naqueles sobrados de gradis ferrugentos e nas calçadas tortas e em declive, o homem se tivesse empenhado em construir o seu primeiro e mais resistente baluarte contra o mar e a evasão, levantando um monumento que, mesmo à noite, cheirava a mercancia e a lucro (IVO, 2018, p. 14).

A raposa continua realizado seu percurso olfativo, porém, no trecho a seguir, um novo elemento entra em ação, a memória. Segundo Tuan (2015, p. 23), “o odor tem o poder de evocar lembranças vívidas, carregadas emocionalmente, de eventos e cenas passadas”, algo observado quando os cheiros trazem para a raposa possíveis reminiscências primitivas, que se misturam com a vivência daquele instante:

A raposa parou mais uma vez, reconhecendo no ar um vago e vaporoso cheiro de couro, depois mudado no de melaço. Talvez se estivesse lembrando, naquele momento, de certa hora de sua vida em que lhe entrara pelas narinas o odor dos rios perenes que fertilizavam as várzeas do lugar onde ela nasceria. Mas nunca poderia dizer se esse instante em que herdara o sentimento de seu ambiente natal transcorreria de dia, sob o sol que fazia com que as carnaubeiras fremissem, ou se fora à noite, quando a terra bebe a claridade das estrelas. Também não lhe seria possível discernir se, naquele momento remoto, ela morava na Zona da Mata, onde os canaviais haviam crescido no lugar das imemoriais florestas var ridas a fogo, e os caetés perseguidos pelos colonizadores se haviam esvaído, ou se esse minuto já defunto se diluía de si mesmo em outra paisagem, entre mandacarus e coroas-de-frade. Agora, sentia em seu dorso a carícia do vento do mar, e todos os seus instantes antigos se confundiam e se dispersavam (IVO, 2018, pp. 14-15).

Em momentos como o citado acima, o narrador, como se aparentemente captasse mudanças significativas na fisionomia do animal, idealiza para uma raposa momentos de reflexões tipicamente humanos e que são extrínsecos ao mundo irracional do bicho. O narrador ousa sondar se por um acaso a raposa não estaria “lembrando” de uma paisagem do passado, como se esta, ao se deparar com os aspectos paisagísticos da cidade, buscasse em sua parca mente alguma memória para cotejar ao lado da experiência geográfica que seus sentidos vivenciam naquele exato momento. Nota-se inclusive, referências hidrográficas e biogeografias da paisagem que por vezes mostra-se da zona da mata e em outros detalhes poderia ser sertaneja, evidenciando que a raposa já viveu em todas as paisagens de Alagoas, lhe faltando apenas o grande centro urbano do estado.

Diante dessa constatação e tendo experimentado a paisagem do Jaraguá, a raposa voltou ao centro da cidade de Maceió, aquela que segundo o narrador (IVO, 2018, p. 16) seria “a primeira e única cidade que haveria de conhecer em toda a sua vida”. E caminhando por becos diferentes, ela chega ao Mercado Municipal, que leva até às narinas deste animal carnívoro o prazeroso “cheiro de sangue e carne crua”: um prédio que

“cheirava a frutas e matadouro”, odores que fizeram parte da vida da personagem por toda sua breve história. Mas na cidade, templo do efêmero, até as emoções são rapidamente substituídas por outras, pois:

De repente, porém, esse odor nauseante era substituído por um longínquo mas discernível cheiro de oceano. E, de muito longe, dos recifes de areias e corais, dos mangues e maceiós onde os goiamuns dormiam, dos coqueirais surrados pertinazmente pela ventania, dos canaviais que avançavam até a beira do mar, das várzeas cobertas de tiririca, vinha um aroma que, pelas frestas dos telhados, penetrava nas casas e se filtrava no sono das criaturas (IVO, 2018, p. 17)

E meio a essa turbulenta sinfonia de aromas, a raposa “observava que a escuridão se ia diluindo”. Era o final da noite que se aproximava. Então, outros animais, figuras centrais de várias paisagens sonoras do planeta nas horas derradeiras da madrugada se fizeram ouvir: “Galos cantavam. (...) Cães latiam” e aurora estava vindo, prometendo “uma claridade radiosa”, mas, ainda que por poucos minutos, o narrador (IVO, 2018, p. 19) segue a raposa que “proseguia em seu vaguear através da cidade escura e deserta”.

Para Moreira (2015, p. 108), esse galo que canta sempre no mesmo horário e esses cachorros vadios que se põem a latir acordando os humanos no melhor do sono, “delimitam um lugar, denunciam sua rotina, na medida em que modificam sua intensidade e formas no tempo”, isso porque ao longo das horas os barulhos são diferentes e caracterizam as diversas ações na paisagem.

A raposa sabia que o dia estava quase nascendo pelo “recrudescimento dos cantos dos galos e as manchas cor de lavareda que listravam o horizonte e avançavam pelas paredes decrépitas”. A cidade estava mesmo acordando, se fazendo ouvir todos os sons urbanos que comprovam que os homens e mulheres despertam junto com ela para mais um dia de labuta, pois:

na cidade que despertava pouco a pouco, e em cujo silêncio nativo se incrustavam os rumores mais diversos (e águas ferviam em chaleiras ou escorriam de torneiras recém-abertas, e pães saíam de fornos crepitantes, e a freira que sofria de insônia se aproximou da cama em que agonizava uma velha de olhos de sapiranga, e a faca ensanguentada de um açougueiro rasgava o que fora outrora o peito de um boi, e um padre, sentado à beira de uma cama, amarrava os cadarços dos sapatos, e uma mulata de olhos verdes, na pensão da Dina, tinha o seu sono quebrado pelos apitos de um navio). Era a manhã que raiava, tornando o céu momentaneamente lilás (IVO, 2018, pp. 20-21).

Nesse momento, enquanto tentava matar sua sede tomando água suja de poça, a raposa recebe o sinal de alarme e ansiedade: um guarda a descobre. Não é mais noite e ela já não é mais confundida com um cachorro qualquer. O sentimento de medo é experimentado, essa forte emoção que avisa um perigo à sobrevivência. E mesmo que

o reflexo instintivo fosse correr ou enfrentar, a personagem, por se encontrar em uma paisagem estranha e distinta do seu território, se vê tão desnordeada que não teve tempo suficiente para agir e, em um piscar de olhos, ao guarda se juntam outros homens, dando início a uma violenta perseguição que só termina com a morte do animal (TUAN, 2005).

A violência contra a raposa esteve por muitos anos impregnada na cultura ocidental, ao ponto de já ter sido praticada como um esporte: a caça à raposa. Na era moderna, a caça à raposa poderia acontecer por três motivos: para alimentação, pelo animal ser considerada uma praga ou por diversão. De qualquer forma, a busca pela raposa sempre consistiu em perseguição, captura e morte, tendo esse último como o clímax, que, com doses de crueldade, deixava o animal ser esquartejado por uma matilha de cães, e elevava os caçadores que obtinham seu objetivo a um lugar de grandeza (THOMAS, 1988).

Os homens que mataram a raposa personagem de Lêdo Ivo (2018, p. 22), o fizeram por uma diversão cruel. Nos últimos instantes de vida da raposa, os sentidos fizeram-se presentes, mesmo que para um adeus: a visão que foi se “tornando vítrea” na “manhã cristalina e fantasmagórica”; e o tato, pois “desfigurada pelos golpes que os homens lhe haviam vibrado, ela ficou jazendo durante mais de uma hora sobre as pedras da rua”. E na cidade que não para, “quando o dia já clareava por completo, uma carroça de lixo parou perto do ajuntamento, e o cadáver da raposa foi jogado entre os monturos” (IVO, 2018, p. 22).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura da cidade presente no primeiro capítulo do romance *Ninho de cobras*, de Lêdo Ivo, pode ser feita analisando geograficamente uma paisagem que se descortina para os sentidos de uma raposa que é acompanhada atentamente por um narrador invisível que se mantém alerta à toda experiência perceptiva do corpo do animal em contado com as emoções provocadas pelos cinco sentidos e ao mesmo tempo se fazendo parte da paisagem noturna maceioense.

A experiência polissensorial da raposa na cidade a levou, de forma direta, a momentos de intimidade com a paisagem e seus elementos sensíveis: o ar, a luz, a terra e a água. Essa abertura promoveu uma espécie de geografia afetiva capaz de mexer com as emoções (BESSE, 2014).

Trata-se de momentos íntimos, que segundo Tuan (2015, p. 172), “são muitas vezes aqueles em que nos tornamos passivos e que nos deixam vulneráveis, expostos à carícia e ao estímulo de nova experiência”. Tal vulnerabilidade se mostrou trágica para a raposa que, contando com a calma madrugada, não percebeu estar no centro do reino dos homens, criaturas que, por séculos, caçam-na por esporte. Dessa forma, o animal se viu exposto e preso em um labirinto cruel que não pouparia sua vida.

Retomando à memória a referência das fábulas de Esopo, não é exagero dizer que na cidade é o homem quem realiza o papel do leão. E nessa narrativa citadina de Lêdo Ivo, por mais esperta e audaciosa que seja a raposa, não consegue sair ilesa das investidas do bicho-homem.

REFERÊNCIAS

- BESSE, J-M. Entre a geografia e a ética: a paisagem e a questão do bem-estar. Tradução: Eliane Kuvasney e Mônica Balestrin Nunes. **GEOUSP – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo v. 18 n. 2 p. 241-252, 2014.
- BESSE, J-M. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Tradução: Annie Cambe. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. 234p
- BESSE, J-M. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Tradução: Vladimir Bartalini. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2014. – (Coleção estudos; 230 / dirigida por J. Guinsburg). 120 p.
- CASCUDO, L. da C. **Literatura oral no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2012. 488p.
- CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Tradução: Vera da Costa e Silva ... [et al.]. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015. 1036p.
- DIEGUES JUNIOR, M. Evolução urbana e social de Maceió no período republicano. In.: COSTA, C. **Maceió**. Maceió: Edições Catavento, 2001. 180p.
- ESOPO. **Fábulas, seguidas do Romance de Esopo**. Seleção, tradução e apresentação: André Malta; tradução e apresentação do Romance de Esopo: Adriane da Silva Duarte. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 280 p.
- FEIJÓ, A; LANGGUTH, A. Mamíferos de médio e grande porte do nordeste do Brasil: distribuição e taxonomia, com descrição de novas espécies. **Revista Nordestina de Biologia** - Universidade Federal da Paraíba, vol. 22, n. 1 / 2, 2013.
- GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade**: literatura e experiência urbana. Ed. ampl. Rio de Janeiro: Rocco, 2008. 208 pp.
- IVO, L. A propósito de uma raposa: reflexões de um romancista. In.: IVO, Lêdo. **Ninho de Cobras**. 1. ed. 1. reimpr. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018. 270p. pp. 203-220.
- IVO, L. **Melhores poemas** [recurso eletrônico]; seleção Sérgio Alves Peixoto. 1. ed. São Paulo: Global, 2012.
- IVO, L. **Ninho de cobras**. 1. ed. 1. reimpr., Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018. 270p.
- LACERDA, R. A energia renovadora do exílio. In.: SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. Tradução: André Telles e Rodrigo Lacerda. Ed. digital, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2015. 144p. pp. 94-102
- MALTA, A. Apresentação às Fábulas de Esopo. In.: ESOPO. **Fábulas, seguidas do Romance de Esopo**. Seleção, tradução e apresentação: André Malta; tradução e apresentação do Romance de Esopo: Adriane da Silva Duarte. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. 280 p.
- MOREIRA, J. de F. R. Leitura da paisagem sonora e odorífera em O Cortiço de Aluizio de Azevedo: perspectiva interdisciplinar e literária à luz da geografia cultural. **Cadernos de Literatura Comparada**, n.º 33, dez/2015, p. 101-118.

- REZENDE, A. M. de; BIANCHET, S. B. **Dicionário do latim essencial**. 2. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. (Coleção Clássica).
- ROLNIK, R. **O que é cidade**. 1. ed. 4. reimp. São Paulo: Brasiliense, 1995 (Coleção primeiros passos; 203). 89p.
- SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. Tradução: André Telles e Rodrigo Lacerda; Ed. digital, Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2015. 144p.
- SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. - 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1).
- THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800**. 1. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 456 p.
- TICIANELI, E. História do Tabuleiro do João Martins de Oliveira. **História de Alagoas**, 15 de abril de 2017. Disponível em: < <https://www.historiadealagoas.com.br/historia-do-tabuleiro-do-joao-martins-de-oliveira.html> >. Acesso em 07 de dezembro de 2021.
- TUAN, Y. **Espaço e lugar** [livro eletrônico]: a perspectiva da experiência. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.
- TUAN, Y. **Paisagens do medo**. Tradução: Livia de Oliveira. 1.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 376p.
- TUAN, Y. **Topofilia** [livro eletrônico]: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2015.